Colégio de Aplicação - UFSC Florianópolis, 29 de junho de 2017 Nomes: Luana Melo e Pietra Lobo

Turma: 1° ano C

Disciplina: Língua portuguesa

Professores: Ivan (BIO), Aline/Ciriane (Educação Especial), Camilo (ELA), Raphaela/Diego

(GEO), Karen (HST), Nara (PORT) e Camila/Marivone(SOC).

Nossa expedição - Relato de viagem -



Vista de uma das pontas da Fortaleza de Santo Antônio de Ratones. Foto: Luana Melo

Começando com um dia lindo...



Praia de Canasvieiras vista do barco. Foto: Luana Melo

Era uma sexta-feira, dia 23 de junho de 2017, momento da nossa saída de estudos com as turmas de 1° Ano A e C do Colégio de Aplicação (num total de 41 alunos e 7 professores), um dia ensolarado, mas fresquinho. Chegamos à escola e fomos para o auditório para os professores passarem algumas informações sobre nossa viagem, entregar o roteiro... Saímos do colégio às 8:40 da manhã, num ônibus de transporte público e nos dirigimos à praia de Canasvieiras/ Escola do Mar (Rua Antenor Borges, 409 - Canasvieiras), chegando lá às 9:12.



Nossa caminhada na areia da praia até o trapiche. Foto: Luana Melo

Ao chegar, o coordenador do Projeto EMar, Joaquim, nos recebeu dando as instruções de como colocar os coletes salva-vidas, como se portar no barco e nas fortalezas...Logo depois da conversa, sem perder tempo fomos logo para o trapiche onde pegamos o barco "Maresia Turismo" (com capacidade para 64 pessoas, o barco veio de governador Celso Ramos), para irmos em direção às fortalezas com a marinheira Sílvia, pilotando o barco. Durante o trajeto, fomos sentadas na proa, enquanto membros do Projeto R3 Animal (Taís e Renato) nos falavam alguns fatos e informações sobre o seu trabalho e animais que habitam nas redondezas; logo depois começamos a escutar músicas até chegar à fortaleza de Ratones.



Fachada da Escola do Mar. Foto: Luana Melo



Joaquim dando as orientações. Foto: Luana Melo

A embarcação estava em boas condições e era bonita, mas não tinha acessibilidade para deficientes (seja ao sair ou entrar no barco ou até mesmo no se locomover dentro dele), e os coletes salva-vidas estavam mofados.



Foto de uma das partes do barco. Foto: Luana Melo



Barco Maresia atracado na Ilha de Ratones. Foto: Luana Melo

No meio do caminho, enquanto estávamos indo para a primeira fortaleza, passamos em frente ao P12 e à Fortaleza de São José da Ponta Grossa.

Perto do P12, tinha um rio e um manguezal, por interesse econômico, os empresários chamaram os construtores para desviar o curso do rio, aterraram o manguezal e acabaram com sua biodiversidade, sendo que sua importância era de que 80% da vida marinha se reproduzia lá. Os animais buscavam lugares mais rasos, onde tem mais alimentos e onde os predadores grandes não conseguem passar.



Visão do P12 no barco. Foto: Luana Melo



Visão do Forte de São José da Ponta Grossa no barco. Foto: Luana Melo

Acabar com o manguezal significa que 80% da vida marinha se extingue do planeta. Um outro exemplo é o manguezal perto da UFSC que está completamente poluído.

O coordenador da EMar explicou que houve muitas mudanças, por exemplo, onde é Canasvieiras, muito tempo atrás se chamava "Canas Vieiras", deram esse nome porque lá tinha muitas plantações de cana de açúcar, antigamente era uma restinga, tudo alagado vegetação baixa com troncos pequenos. Com o passar do tempo, o homem veio e transformou o lugar e a natureza em sua volta, para construir, tiveram que secar o terreno, criando grandes valas para desviar o curso do rio; após um determinado tempo, o local foi urbanizado e a areia da praia foi diminuindo, com as marés altas, para o mar não chegar nas casas, resolveram aterrar, mas não resolveu o problema.

Joaquim, então, nos contou alguns fatos sobre a Fortaleza de São José da Ponta Grossa, tais como: foi construída por Brigadeiro José da Silva Paes, faz parte do triângulo defensivo de Santa Catarina, o conjunto dos fortes servia para a colônia portuguesa garantir que nenhuma embarcação inimiga adentrasse em seu território, sua localização era

estratégica para a coroa portuguesa pois servia para abastecer os navios que iam em direção ao Rio do Prata. Obrigatoriamente tinham que reabastecer na Baía Vila de Desterro, pois não era possível parar na praia do Campeche até a Joaquina, pelo motivo de o mar ser muito violento.

Sendo assim, obrigando os inimigos a entrar pelo triângulo de defesa onde o mar era mais calmo, mas, no século XVIII, conseguiu ser tomado pelos espanhóis sem precisarem dar um tiro.

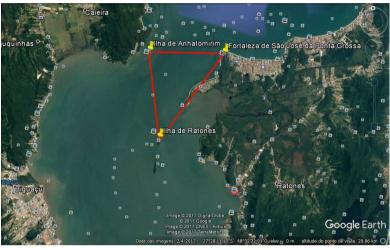


Foto aérea do triângulo de defesa. Foto do google Earth, edição feita por Luana Melo



Visão de dentro de uma das guaritas. Foto: Luana Melo

Após as explicações sobre a fortaleza, a equipe/dupla do R3 Animal se apresentou melhor, explicando o que faziam, e nos ensinaram um pouco sobre os animais que habitam aquela região.

Eles fazem parte da polícia ambiental (localizada no Parque do Rio Vermelho), e recebem animais apreendidos e traficados, monitoram as praias de Florianópolis em busca de animais marinhos todos os dias, desde a praia da Solidão até a praia Brava.

São encontradas diversas espécies, algumas são bem comuns o ano inteiro, aves como mergulhão, golfinhos, tartarugas. Algumas tartarugas acabam caindo nas redes de

pesca, quando os pescadores as soltam estão machucadas ou já estão mortas. Ao levar para fazer a necropsia, encontram dentro delas muito lixo como: corda, tampinhas, plástico. Isso acontece, pois as tartarugas selecionam do lixo os que parecem alimentos naturais como água-vivas e algas elas comem, por isso as cores mais comuns de sacolas plásticas que são encontradas costumam ser de cor azul, transparente ou verde.

Taís nos contou que encontrou um Leão-Marinho em Balneário Camboriú, que foi avaliado e não precisou ser levado para reabilitação. Também relatou que, quando encontram Lobos-Marinhos, nunca os levam para cativeiros, pois é possível que levem as doenças de dentro do centro de recuperação para o mar, matando sua colônia.

Ela também complementou falando dos botos, na Baía Norte. Tem o Boto Cinza, o Boto da Tainha e a Toninha. O Boto Cinza vive na baía norte até a baía da Guaguitomia (América Central), são os únicos lugares no mundo que têm essa espécie. O Boto da Tainha é encontrado em todos os lugares. Toninha é um golfinho bem pequeno de 1,50 até 1,60 metros de comprimento, é difícil de ser visto saltando em praias, até mesmo no mar.

O projeto R3 Animal, de que Taís e Renato, fazem parte já está indo para Laguna, São Paulo e Rio de Janeiro.

Após as explicações, ficamos ouvindo música até chegar a primeira fortaleza, mas tem um, porém as músicas não podiam ter palavrões ou linguagem inadequada, então os marinheiros mesmo colocaram.

Ratones



Chegada à Ilha de Ratones Grande. Foto: Luana Melo



Visão do barco ainda chegando à Ilha. Foto: Luana Melo



Visão do barco da Ilha de Ratones. Foto: Luana Melo

Após chegarmos lá, por volta das 10:40, fomos até a bateria de canhões para que Joaquim pudesse dar as informações necessárias da ilha. Falou para não pisarmos nos canhões, pois eram muito antigos, comentou sobre a forma que coletavam água antigamente (pela chuva), sobre o depósito de carvão, pois por muito tempo as embarcações eram a vapor. Na ilha, existiam várias aves marinhas principalmente o tesourão, uma grande ave de coloração preta e branca.



Placa de localização na entrada da Ilha. Foto: Luana Melo

A fortaleza de Santo Antônio de Ratones, em meio à Baía norte de Santa Catarina, foi construída em 1740, pelo militar brigadeiro José da Silva Paes e compunha o sistema triangular de defesa da Barra Norte.

Abandonada, recebeu mutirões de limpeza em 1964 e 1983-1984.

A fortificação é do Patrimônio Histórico Nacional, tombada desde 1938 sobre a tutela do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

O projeto Fortalezas da Ilha de Santa Catarina a restaurou em 1990 e em 1991, quando a fortaleza passou a ser gerenciada pela Universidade Federal de Santa Catarina e aberta ao público no ano seguinte.

Quando encontrada, tentaram refazer as técnicas antigas para que se parecesse o mais próximo possível de antigamente, outras técnicas foram modernizadas, pois não existia mais os materiais possíveis. A única coisa que ficou intacta na fortaleza foi a capela.

A parte histórica sobre a ilha é bem triste, tendo ocorrido bastante mortes por doenças, como a lepra, que causa danos severos a nervos e à pele, fazendo assim com que, quando a ilha foi achada, encontrassem os corpos dos mortos ainda com seus pertences.



Foto do pavilhão de artilharia com canhões "quebrados". Foto: Luana Melo



Foto de uma das casas de guarda. Foto: Luana Melo

Após as informações, começamos a andar pela ilha e a conhecer cada local da fortaleza, tirando várias fotos nossas e do lugar maravilhoso, com construções muito bonitas.

A mobilidade da ilha era extremamente ruim, não existiam rampas para cadeirantes, chão era de pedra e cheio de limo, fazendo com que caíssemos muito facilmente; no trapiche da ilha, não existia nivelamento das tábuas de madeira e o espaço entre elas era muito grande.

Quando andamos pela ilha, sentimos um clima de tensão e desespero principalmente na "casa da guarda" e na bateria de canhões.

Saímos da ilha às 11:24 e nos dirigimos à Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim escutando música durante todo o trajeto.



Foto do barco com todos se divertindo durante a troca de uma ilha para a outra. Foto: Luana Melo

Anhatomirim



Barco se aproximando da Ilha de Anhatomirim. Foto: Luana Melo



Visão da entrada da ilha. Foto tirada por Luana Melo

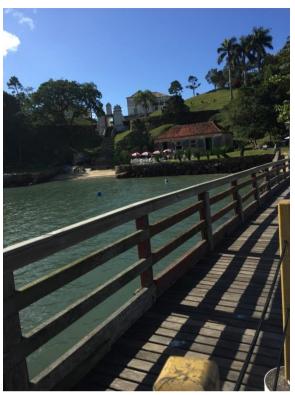


Foto do trapiche quando estávamos chegando. Foto: Luana Melo

Atracamos às 12:04 e fomos correndo desesperadamente para comer, sentamos em mesas separadas (quatro pessoas em cada) na frente da lanchonete, comemos os deliciosos sanduíches da professora Nara e os lanches que trouxemos.

Após isso, avistamos uma capivara que deixou todos eufóricos e animados para achar mais durante o percurso, infelizmente não vimos nenhuma outra.

Sentamos na escadaria de Lioz (feita de mármore português para não criar limo, vinha de lastro nas embarcações e sem valor comercial), onde recebemos mais informações históricas e avisos antes de iniciarmos o percurso.



Foto das pedras da escadaria de Lioz. Foto: Luana Melo



Visão de cima da escadaria de Lioz. Foto: Luana Melo

A Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim, projetada em 1739, pela mesma pessoa que construiu as ilhas de Ratones e São José da Ponta Grossa, foi a principal fortificação do antigo Sistema Defensivo da ilha de Santa Catarina.

No final do século XIX, alguns de seus edifícios já haviam desaparecido e outros haviam sido construídos como o Novo Paiol e a Nova Casa do Comandante.

"No início do século XX, a fortaleza foi reequipada militarmente com novos edifícios, como a estação Radiotelegráfica e a Usina de Eletricidade e com armamentos modernos, sendo tombada em 1938 como patrimônio Histórico Artístico Nacional.

Após anos abandonada, foi restaurada nas décadas de 1970 e 1980, numa parceria entre o Instituto Nacional (atual IPHAN) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que passou a gerenciá-la a partir de 1979."



Casa do comandante. Foto: Luana Melo



Visão da casa do Comandante para a bateria baixa. Foto: Luana Melo

Iniciamos o percurso subindo a escadaria e passando pela Portada (construção em homenagem a China, pois Portugal tinha uma colônia em Macau), paramos e sentamos em frente à Casa do Comandante para recebermos mais informações sobre as fortalezas e sobre as construções diferenciadas, como: o projeto de José da Silva Paes fez uma espécie de "funil" de fortalezas para dificultar o avanço, atirando no inimigo em fogo cruzado. Outra coisa que planejou foi o quartel da tropa, que era imenso, usado para assustar o inimigo, passando a ideia de que havia muitos soldados.



Parte de trás da Portada. Foto: Luana Melo

Joaquim falou que, por estarem reformando alguns lugares, infelizmente não poderíamos entrar, mas o resto estávamos livres para explorar em um intervalo de 15 minutos, onde subimos na Casa do Comandante, os cômodos da casa tinham muitas portas com a finalidade de fuga, caso necessário.



Paiol da Pólvora. Foto: Luana Melo

Depois alguns foram na Bateria Baixa e aproveitaram para tirar fotos (o que não deixou os professores muito felizes), passando pelo calabouço que tinha duas lendas, uma

era que você mudava de sexo e a outra era que você ia vivo e voltava morto (por conta da história do túnel no passado). Ele também citou fatos característicos da época, tais como: a cor definia a época da construção, períodos históricos, a Casa de Farinha era utilizada para guardar farinha e carnes (as carnes eram guardadas com gordura para durar mais), escravos faziam as necessidades no chão e enterravam com palha, o telégrafo era o e-mail da época, construído na primeira guerra mundial com uso de códigos de sinais, por som ou pelos dedos (braile), os trabalhos eram distribuídos na ilha pelos moradores e utilizavam o que tinham à disposição para se ajudar. Existiam nogueiras em todos os lugares, que dá um fruto de coloração esverdeada, que utilizavam para fazer várias coisas, como, por exemplo, o sabão e utilizavam também muito óleo de peixe no cabelo, por exemplo, para fazer como se fosse um gel.



Foto tirada da Bateria Baixa para o Alpendres. Foto: Luana Melo

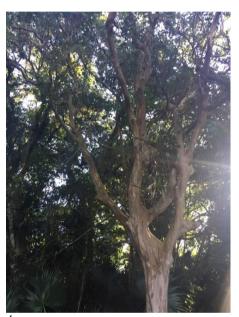


Canhões. Foto: Luana Melo

Nos dirigimos para a bateria de canhões, onde Joaquim falou um pouco sobre eles, explicou que existiam muitos canhões e que, quando a UFSC foi fazer a restauração,

encontram mais ou menos 57 peças, sendo que 20 estavam imprestáveis. Dentre esses canhões, existia uma grande variedade, inglês, português, de cobre (que sumiram, pois valiam mais).

Logo após, nos direcionamos para a Fonte d'água para começarmos a trilha, no começo tinha uma árvore que não era comum, era a Árvore dos Enforcados, dizem que se ficar em silêncio dá para escutar as vozes dos escravos, dando calafrios na mesma hora que escutamos a professora nos diszer isso (mas acredito que não fizemos silêncio nenhum, porque não escutamos nada). Seguimos a trilha, passando pela Estação Radiotelegráfica, Usina de Eletricidade e encerrando no Novo Paiol da Pólvora, onde sentamos próximo à Portada para descansar e comer mais um pouco. De lá voltamos para o barco às 14:00, indo para o nosso último destino antes de voltarmos para a escola.



Árvore dos Enforcados. Foto: Luana Melo



Estação Radiotelegráfica. Foto: Luana Melo



Usina de Eletricidade. Foto: Luana Melo



Novo Paiol da Pólvora. Foto: Luana Melo



Canhão. Foto: Luana Melo

A música foi interrompida na hora que estávamos passando ao lado da Baía dos Golfinhos, às 14:16, onde Joaquim fez uma breve fala sobre os galpões no continente, que, há 40 anos atrás, eram fábricas de gelo, mas fecharam e mais à frente avistamos uma comunidade pesqueira.

Voltamos para a praia de Canasvieiras ao som de Natiruts, Rappa...



Voltando para a EMar. Foto: Luana Melo



Baía dos Golfinhos. Foto: Luana Melo

Chegamos ao trapiche, na praia de Canasvieiras, às 15:26, nos dirigimos então à Escola do Mar e agradecemos os colaboradores/funcionários pelo passeio muito divertido e instrutivo. Quando chegamos ao ônibus, fizemos um "lanche coletivo" entre os colegas do fundão e, como muitas pessoas moravam entre o trajeto da praia de Canasvieiras até o Colégio de Aplicação, fomos deixando algumas pessoas nos pontos de ônibus "próximos" de suas casas.

Obs: ouvindo funk todo o trajeto e apresentado-o para os professores.

Chegamos à escola às 16:09 e cada um se dirigiu para sua casa.